

Reflexões sobre *A História da Loucura* de Michel Foucault

Reflection about *Madness and Civilization – A History of Insanity in the Age of the Reason* by Michel Foucault

Priscila Piazzentini Vieira

Mestranda em História Cultural – IFCH/UNICAMP

Correio eletrônico: priscilav@gmail.com

Resumo: Esse artigo trata de duas críticas específicas presentes em *A História da Loucura* de Michel Foucault: a contestação do internamento como a única solução encontrada para lidar com a loucura e o domínio exercido pelas concepções médicas em seu tratamento. Estas problematizações serão trabalhadas através das concepções de história e de discurso defendidas por Foucault.

Palavras-chave: Foucault – *História da Loucura* – história – discurso.

Abstract: This article deals with two critical specific gifts in the *History of Madness* of Michel Foucault: the plea of the internment as the only found solution to deal with madness and the domain exerted for the medical conceptions in its treatment. These questions will be worked through the conceptions of history and discourse defended by Foucault.

Key words: Foucault – *History of Madness* – history – discourse.

Ao assistir a filmes produzidos no final do século XX e no começo do século XXI, como *Garota Interrompida (Girl Interrupted)*, *Uma Mente Brilhante (Beautiful Mind)* e *Em Nome de Deus (The Magdalene Sisters)*¹, percebo uma crítica muito forte à forma como a sociedade ocidental do século XIX até meados do século XX se relacionou com os desvios e os descontroles – comumente homogeneizados e enquadrados pela expressão loucura. Dentro dessa crítica, estabelecida de maneiras diversas por cada um dos filmes, destaco duas que os unem: a contestação do internamento como a única solução encontrada para lidar com a loucura e, ainda, o domínio exercido pelas concepções médicas em seu tratamento.

Acredito que o livro *A História da Loucura na Idade Clássica* (Foucault, 1997), escrito por Michel Foucault na segunda metade do século XX, trata profundamente dessas duas críticas que destaquei anteriormente. Procurarei trabalhar essas problematizações atentando para duas discussões: as concepções de história e de discurso presentes nos estudos de Foucault.

Penso que a primeira crítica, que contesta a relação necessária entre loucura e internamento, começa a ser trabalhada na primeira parte do livro. Para iniciar essa discussão, Foucault aponta uma situação: ao final da Idade Média, por volta do século XV, o problema da lepra desaparece e, com isso, um vazio aparece no espaço do confinamento. Se toda a preocupação do poder real em torno do controle dos leprosários desapareceu, Foucault afirma que esse acontecimento não representa o efeito da cura exercido pelas práticas

¹ Conferir: Mangold, James, *Garota Interrompida (Girl Interrupted)*, Estados Unidos, 1999; Howard, Ron, *Uma Mente Brilhante (Beautiful Mind)*, Estados Unidos, 2001 e Mullan, Peter, *Em Nome de Deus (The Magdalene Sisters)*, Inglaterra, 2002.

médicas, mas uma ruptura que ocorreu no modo de entender e de se relacionar com a lepra e com o confinamento².

Além disso, essa ruptura não faz desaparecer duas noções importantes: os valores e as imagens atribuídas ao personagem do leproso e o sentido produzido pela exclusão desse personagem do seu grupo social. Essas duas questões são relevantes, pois elas serão retomadas num sentido inteiramente novo para caracterizar outro fenômeno: a loucura. No entanto, para que reações de divisão, exclusão e purificação dominassem a loucura foram necessários quase dois séculos, pois as experiências e as formas de se relacionar com a loucura produzidas na Renascença tinham um sentido completamente diverso e Foucault procurará compreendê-lo.

Na paisagem imaginária da Renascença, a Nau dos Loucos ocupava um espaço fundamental. Ela transportava tipos sociais que embarcavam em uma grande viagem simbólica em busca de fortuna e da revelação dos seus destinos e de suas verdades. Esses barcos faziam parte do cotidiano dos loucos, que eram expulsos das cidades e transportados para territórios distantes. Foucault vê nessa circulação dos loucos mais do que uma simples utilidade social, visando a segurança dos cidadãos e evitando que os loucos ficassem vagando dentro da cidade. Todo esse desejo de embarcar os loucos em um navio simbolizava uma inquietude em relação à loucura no final da Idade Média. A partir do século XV, ela passa a assombrar a imaginação do homem ocidental e a exercer atração e fascínio sobre ele.

² Essa afirmação já demonstra a concepção de história utilizada por Foucault e o tratamento reservado por ele à segunda crítica que ressaltarei no início desse trabalho, a relação entre loucura e medicina. Essas questões serão tratadas detalhadamente ao longo das minhas reflexões.

A loucura, porém, não está somente ligada às assombrações e aos mistérios do mundo, mas ao próprio homem, às suas fraquezas, às suas ilusões e a seus sonhos, representando um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo. Aqui, portanto, a loucura não diz respeito à verdade do mundo, mas ao homem e à verdade que ele distingue de si mesmo.

Há, assim, duas experiências da loucura na Renascença: de um lado, uma experiência cósmica, composta pela Nau dos loucos; de outro, uma experiência crítica, relacionada a toda essa ligação que o homem mantém consigo mesmo. É o confronto entre essas duas experiências que expressa a formulação que o começo da Renascença faz da loucura. Não há, desse modo, uma única experiência formulada pela Renascença sobre a loucura, esperando para se desenvolver, evoluir e finalmente atingir uma forma mais acabada e mais complexa, mas seguindo a concepção de história genealógica utilizada por Foucault, uma luta entre duas experiências que não param de brigar entre si, pois: "As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta".(Foucault, 1978: 28).

Será no começo do século XVI que a experiência crítica, que fazia da loucura uma experiência na qual o homem era confrontado com sua verdade, vence essa luta, oculta o sentido da experiência cósmica e ganha um privilégio cada vez mais acentuado. As noções de luta e de fragmentação da experiência da loucura, e a crítica a uma visão progressista, contínua e total da história podem ser percebidas no seguinte trecho:

A experiência trágica e cósmica da loucura viu-se *mascarada* pelos *privilégios exclusivos* de uma consciência crítica. É por isso que a experiência clássica, e através dela a experiência moderna da

loucura, não pode ser entendida como uma *figura total*, que finalmente chegaria, por esse caminho, à sua verdade positiva; é uma *figura fragmentária* que, de modo abusivo, se apresenta como exaustiva; é um conjunto *desequilibrado* por tudo aquilo de que carece, isto é, por tudo aquilo que o *oculta*. Sob a ciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma *abafada* consciência trágica não deixou de ficar em vigília (Foucault, 1997: 28-29).

Destaquei essas palavras porque gostaria de tomar o próprio texto de Foucault como um discurso e, dessa maneira, não tratá-lo como um conjunto de signos que é sempre remetido a conteúdos ou a representações, mas como uma *prática* que forma os objetos de que fala. Ainda, seguindo Foucault, descrever um discurso não é revelar uma interpretação ou descobrir um fundamento, mas estabelecer uma *positividade* (Foucault, 1986: 144), já que ele constitui, molda, produz o objeto que recorta. Assim, mais do que entender o texto de Foucault como um reflexo ou uma representação de um dado contexto ou de uma realidade social, tentarei ficar no nível do próprio discurso e atentar para a importância das palavras que, nesse trecho, demonstram a opção do filósofo por uma interpretação que problematiza uma noção progressista e contínua da história e propõe a utilização de conceitos como luta, descontinuidade e fragmentação.

O século XVI, portanto, privilegia a reflexão crítica sobre a loucura e o objetivo de Foucault será trabalhar o seguinte problema, bem ao modo de uma história do pensamento (Foucault, 1994: 581), definida por ele como o estudo da formação, do desenvolvimento e da transformação das formas de experiência:

Como é que a experiência da loucura se viu finalmente confiscada (...) de tal maneira que no limiar da era clássica todas as imagens trágicas evocadas na época anterior se dissiparam na sombra? (Foucault, 1997:29).

O filósofo pretende, desse modo, compreender a experiência que o Classicismo teve da loucura, pensando, assim, na própria historicidade das formas da experiência.(Foucault, 1994: 579).

Para Foucault, duas questões são fundamentais para entender a experiência da loucura no Classicismo. Primeiramente, a loucura passa a ser considerada e entendida somente em relação à razão, pois, num movimento de referência recíproca, se por um lado elas se recusam, de outro uma fundamenta a outra. Em segundo lugar, a loucura só passa a ter sentido no próprio campo da razão, tornando-se uma de suas formas. A razão, dessa maneira, designa a loucura como um momento essencial de sua própria natureza, já que agora "a verdade da loucura é ser interior à razão, ser uma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de melhor certificar-se de si mesma".(Foucault, 1997: 36).

É a partir da metade do século XVII que a ligação entre a loucura e o internamento ocorrerá. O internamento é importante para Foucault por duas razões: primeiramente, por ele ser a estrutura mais visível da experiência clássica da loucura e, em segundo lugar, porque será exatamente ele que provocará o escândalo quando essa experiência desaparecer, no século XIX, da cultura europeia, a ponto de, por exemplo, com Pinel ou Tuke, aparecer a idéia de uma libertação dos loucos do internamento produzido pelo século XVII. Mas, ao contrário de fazer a história dessa suposta "libertação", Foucault prestará atenção à

racionalidade própria desse internamento, tentando entender os seus mecanismos e as suas práticas específicas.

Além dessa preocupação, outra é evidente na história da loucura feita por Foucault, que se relaciona diretamente à segunda crítica que aponte no começo dessas reflexões: o internamento do século XVII não é um estabelecimento médico, mas uma estrutura semijurídica que, além dos tribunais, decide, julga e executa. Na organização das casas de internamento, portanto, não está presente nenhuma idéia ou liderança médica. Percebo nesse procedimento que desliga o internamento da medicina uma determinada concepção de história utilizada que não pretende identificar o presente com o passado, como a seguinte passagem expressa:

É preciso despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos. Saber, mesmo na ordem histórica, não significa 'reencontrar' e sobretudo não significa 'reencontrar-nos'(Foucault, 1978: 27).

A história, nesse sentido, serve para diferenciar o passado do presente e, a partir dessa constatação, produzir novas possibilidades para mudar a nossa situação presente, ou seja, não é necessária a ligação que se estabeleceu entre internamento e medicina. Essa será uma das principais preocupações do livro de Foucault: desnaturalizar essa ligação que, pelo menos durante a Renascença e o classicismo, não era evidente e nem natural.

Mas ainda estou, nesse momento da reflexão de Foucault, tratando da naturalização da relação entre loucura e internamento. Para ele, o Classicismo inventou o internamento, de forma semelhante como a

Idade Média havia inventado a segregação dos leprosos. Assim, aquele vazio deixado pelos leprosos foi ocupado pelos "internos". Esse aprisionamento inventado pelo classicismo é complexo e possui significações políticas, sociais, religiosas, econômicas e morais.

Foi necessária a formação de uma nova sensibilidade social para isolar a categoria da loucura e destiná-la ao internamento. Essa segregação da loucura relaciona-se com as seguintes questões: uma nova sensibilidade à miséria e aos deveres da assistência, uma nova forma de reagir diante dos problemas econômicos do desemprego e da ociosidade, uma nova ética do trabalho e o sonho de uma cidade onde a obrigação moral se uniria à lei civil, sob as formas autoritárias da coação. (Foucault, 1997: 565). Serão, assim, esses temas que darão o sentido do modo pelo qual a loucura é percebida pela era clássica.

A relação entre o internamento e o aparecimento de uma nova reação à miséria produz, no decorrer do século XVI, uma nova figura do pobre, bem estranha à Idade Média. A miséria não possui mais a positividade mística que estava presente na Idade Média, mas é encerrada em uma culpabilidade. Agora, num mundo no qual os Estados substituem a Igreja nas tarefas de assistência, a miséria se tornará um obstáculo contra a boa marcha do Estado, passando de uma experiência religiosa que a santifica para uma concepção moral que a condena. Dessa forma, se o louco era, na Idade Média, considerado uma personagem sagrada era porque, para a caridade medieval, ele participava dos obscuros poderes da miséria. A partir do século XVII, a miséria é encarada apenas em seu horizonte moral e, assim, se antes o louco era acolhido pela sociedade, agora ele será excluído, pois ele perturba a ordem do espaço social.

O internamento, então, antes de ter o sentido médico que lhe atribuímos, foi exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura. No lugar onde muitos reconhecem os signos de uma benevolência para com a doença, Foucault percebe apenas uma preocupação com o trabalho, ou melhor, a condenação da ociosidade. Dessa maneira, o desempregado não será mais simplesmente excluído, mas detido, já que entre ele e a sociedade estabelece-se um sistema de obrigações: enquanto ele tem de ser alimentado, ao mesmo tempo ele também deve aceitar a coação física e moral do internamento. Na Europa, assim, ele é uma das respostas dadas pelo século XVII a uma crise econômica que envolve principalmente o desemprego. Se nos tempos de crise o internamento servia para reabsorver os ociosos e proteger a sociedade contra as revoltas, fora dos períodos de crise ele servia para fornecer mão-de-obra barata. Essa noção de internamento está relacionada diretamente a uma dada concepção de trabalho, que é visto sempre como solução geral para todas as formas de miséria.

É desse modo que os loucos, ociosos por princípio, terão seu lugar ao lado dos pobres e também serão submetidos às regras do trabalho obrigatório, com algumas distinções importantes, pois os loucos eram incapazes para o trabalho e para seguir os ritmos da vida coletiva. É nessa época que eles são internados, misturando-se a toda uma outra população. O que os unia era um aspecto: a condenação ética da ociosidade.

Mas se o internamento liga-se diretamente com as exigências do trabalho, isso não quer dizer que essa relação é definida unicamente pelas condições da economia. Longe disso, toda uma percepção moral acompanha essa obrigação do trabalho, servindo sempre como um

exercício ético de uma punição moral. Essa noção de moralidade inventa uma nova lei civil que não mais condena, mas administra, recupera e tenta trazer o ocioso de volta à sociedade, sem nenhum abuso de poder. São nas instituições da monarquia absoluta, simbolizadas anteriormente através da arbitrariedade, que a idéia burguesa da virtude como um importante assunto de Estado se concretizará.

A internação, portanto, é uma criação institucional própria ao século XVII e assume um sentido inteiramente diferente da prisão na Idade Média. É, assim, de uma invenção e não de uma evolução que Foucault trata. De um evento decisivo que rompe e modifica o sentido anteriormente reservado ao internamento. Um evento importante para a própria loucura, que agora é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho e da impossibilidade de integrar-se ao grupo, modificando o seu sentido drasticamente. Nasce, assim, uma nova sensibilidade em relação à loucura, na qual esta é *arrancada* de sua liberdade imaginária tão presente na Renascença e se vê *reclusa* pelo internamento e ligada à Razão e às regras da moral.

Essa história da loucura contada por Foucault não é gloriosa, não se relaciona a conquistas do progresso e nem a começos puros e fundadores de uma moral que encontrou finalmente a sua forma superior, mas liga-se aos começos baixos, indecorosos e sangrentos que nascem de batalhas incessantes nas quais, um dos componentes, através de uma força, de uma dominação, de um ato de violência, vence e apaga os sentidos que o componente derrotado possuía. Foucault afirma:

O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se

disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto (Foucault, 1978: 25).

Mas essa batalha possui apenas um vencedor provisório, já que o internamento, pelo menos no sentido que ele adquiriu na era clássica, não demorará a ser contestado e reapropriado e, enfim, a ser levado a sua derrota.

Foucault, portanto, problematiza a idéia de confusão que é atribuída à percepção clássica da loucura e a noção de que a ciência positiva do final do século XVIII liberta o louco desse confinamento que interna, no mesmo local, o enfermo, o libertino, a prostituta, o imbecil e o insano, sem indicar nenhuma diferença entre eles. Se ao final do século XVIII e principalmente a partir do século XIX essa confusão entre criminosos e loucos provocará espantos, temos que perceber que a era clássica tratava-os de forma uniforme. Mas essa indistinção não deve ser entendida como uma ignorância, mas em sua positividade e em sua própria racionalidade. Foucault afirma:

Não é nosso saber que se tem de interrogar a respeito daquilo que nos parece ignorância, mas sim essa experiência a respeito do que ela sabe sobre si mesma e sobre o que pôde formular com relação a si própria (Foucault, 1997: 83).

É por volta do começo do século XVIII que nasce uma nova reflexão sobre a doença que é animada por relações entre a doença e a vegetação. É nessas novas normas médicas que a loucura se integra e o espaço dessa classificação se abre, sem problemas, para a análise da loucura. Mas essa atividade classificadora chocou-se contra a resistência profunda de uma interpretação que liga a loucura à imaginação e ao

delírio por uma teoria geral da paixão. Essa natureza hierarquizada feita pelos classificadores sobre a loucura, assim, não abalou as suas significações mágicas e extramédicas. No entanto, esse pensamento médico produz uma mudança de extrema importância, pois pela primeira vez aparece um diálogo de cumplicidade entre o médico e o doente. E a partir do desenvolvimento, ao longo do século XVIII, desse conjunto médico-doente, ele passará a apresentar-se como o elemento constituinte do mundo da loucura.

Será somente com o tratamento e o estudo da cura das doenças nervosas que a medicina se tornará em uma técnica privilegiada e que, enfim, estabelecerá uma ligação com a loucura, tão recusada pelo domínio do internamento. Serão com essas curas que nascerá a possibilidade de uma psiquiatria da observação, de um internamento de aspecto hospitalar e do diálogo do louco com o médico.

Compromete-se, assim, tudo o que havia de essencial na experiência clássica do desatino. Com a emergência dessas novas práticas médicas, uma distinção, completamente estranha à era clássica, começa a se constituir: doenças físicas e doenças psicológicas ou morais. Essa distinção se tornou possível somente quando, no século XIX, a loucura e a sua cura foram introduzidas no jogo da culpabilidade. Essa diferenciação entre o físico e o moral apareceu somente quando a problemática da loucura se deslocou para uma interrogação do sujeito responsável.

A psicologia, assim, é inteiramente organizada ao redor da punição. Será devido a essa mediação moral estabelecida pela psicologia em relação à loucura que a última não poderá mais falar a linguagem do desatino, já que estará inteiramente inserida numa patologia. Se muitos percebem essa mudança como uma aquisição positiva, como o advento

da verdade, Foucault vê nessa modificação a redução da experiência clássica do desatino a uma percepção estritamente moral da loucura. Dessa maneira, não há como procurarmos na era clássica a distinção entre as terapêuticas físicas e as psicológicas porque a psicologia simplesmente não existe nesse período. Será necessário que a unidade da experiência do desatino seja dissociada para, assim, a loucura ser confiscada numa intuição moral e se tornar apenas doença. É a partir daí que a seguinte distinção ganha um sentido: a doença procederá do orgânico, enquanto o que pertencia ao desatino será ligado ao psicológico.

Nesse momento a psicologia nasce, não por um movimento que revela a verdade da loucura, mas por um movimento que dissocia a unidade tão característica ao Classicismo entre a loucura e o desatino. Foucault afirma: “nasce a psicologia. Não como verdade da loucura, mas como indício de que a loucura é agora isolada de sua verdade que era o desatino”.(Foucault, 1997: 337). Ele, portanto, não procurou buscar a origem, pura e límpida, ou seja, a *Ursprung* do conhecimento da psicologia, que finalmente revela a verdade da loucura tão ocultada pela confusão característica da era clássica, mas procurou mostrar as condições que tornaram possível a emergência de um saber que, por um movimento violento de dissociação e segregação confiscou a loucura, separando-a do desatino. Como o próprio filósofo afirma: “O que se encontra no começo das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate”.(Foucault, 1978:18).

Associa-se a isso, após a metade do século XVIII, um sentimento de medo em relação às casas de internamento, pois elas não significam

mais apenas o leprosário afastado das cidades, mas representam a própria lepra diante delas. Um mal que é agora descrito a partir das expressões da química do século XVIII. Nos espaços fechados do internamento, assim, o mal estava em plena fermentação, pronto para entrar em ebulição e soltar os seus vapores nocivos e os seus líquidos corrosivos que se espalham por todo o ar e acabam por atingir as vizinhanças, impregnando os seus corpos e contaminando as suas almas. É, então, através de todo um saber fantástico, e não no rigor do pensamento médico, que o desatino enfrenta a doença.

Foram esses temas fantásticos, no entanto, os primeiros agentes que possibilitaram a síntese entre o mundo do desatino e o universo médico. O médico, nesse contexto, não foi solicitado pelo internamento para fazer a divisão entre o mal e a doença, agindo como um árbitro, mas para proteger as pessoas, para ser o guardião desse perigo que os muros do internamento transpiravam. O interesse dos médicos pelo internamento não se deu devido a uma generosidade por um local onde se castigavam indiferentemente as culpas. A origem da associação feita entre a medicina e o internamento não expressa uma neutralidade benevolente, lembrando que "O começo histórico é baixo".(Foucault, 1978: 18). Essa ligação não ocorreu devido ao progresso alcançado pelo estatuto médico em direção à aquisição do conhecimento da loucura, mas foi possível somente através de um medo, de todo um simbolismo do Impuro, que animavam os contágios morais e físicos. É por essa concepção do Impuro e não por um aperfeiçoamento do conhecimento, que o desatino foi confrontado com o pensamento médico e isolado da loucura.

Esse novo medo do século XVIII faz emergir, portanto, uma nova loucura, questionando toda a racionalidade que o internamento possuía

na era clássica. Se o número dos loucos dentro dos antigos asilos diminuiu, foi exatamente porque foram criadas, em meados do século XVIII, casas destinadas a receber exclusivamente os insensatos. Esse fenômeno é importante porque comporta novas significações. Se os novos hospitais não são muito diferentes, em sua estrutura, dos antigos e as condições jurídicas do internamento não mudaram, bem como tais hospitais novos não dão um lugar melhor para a medicina, o fundamental é que esse movimento isola asilos especialmente destinados aos loucos. A loucura ganha um sentido próprio e específico, tornando-se autônoma do desatino, com o qual ela estava confusamente misturada.

Isso porque, dentro do internamento, durante o século XVIII, o desatino não deixa de simplificar-se e de perder os seus signos particulares. Daí um duplo movimento: enquanto o desatino indiferencia-se e torna-se cada vez mais um simples poder de fascinação, a loucura especifica-se e instala-se como objeto de percepção. Os loucos, dentro dessa nova racionalidade, não são mais diferentes em relação aos outros, mas são diferentes de um para outro. A diferença é introduzida na igualdade da loucura. Com essa especificação conquistada dentro do internamento, a loucura adquire uma linguagem que é somente sua. O século XIX, então, conseguiu unir os conceitos da teoria médica e o espaço do internamento e foi aí que nasceu essa relação, posteriormente dada como natural, mas que era totalmente estranha ao Classicismo, entre medicina e internamento e que possibilitou, assim, o nascimento da psiquiatria positiva e do asilo do século XIX.

A psiquiatria positivista, para Foucault, não libertou os loucos da confusão da era clássica que misturava desatino e loucura e nem a transformou em "humana". O que ocorreu foi, ao longo do século XVIII, uma transformação na consciência da loucura. A psiquiatria positivista não representou uma evolução no quadro de um movimento humanitário que se aproximava aos poucos da realidade humana do louco, como também não foi o resultado de uma necessidade científica que tornava a loucura mais fiel àquilo que poderia dizer de si mesma. É no próprio internamento que essa transformação se dá e é a ele que se deve prestar atenção para entendermos essa nova consciência da loucura que acaba de emergir. A crítica política do internamento, no século XVIII, não funcionou no sentido de uma libertação da loucura, permitindo aos alienados uma atenção mais filantrópica, mas uniu ainda mais a loucura ao internamento, como Foucault defende na seguinte passagem:

O fato de haver tomado suas distâncias, de ter-se tornado enfim uma forma delimitável do mundo perturbado do desatino, não libertou a loucura; entre ela e o internamento estabeleceu-se uma profunda ligação, um elo quase essencial (Foucault, 1997, 399).

O internamento, da forma como foi concebido pelos séculos XVII e XVIII, passa agora por uma grande crise, que não provém do seu interior, mas está ligado a todo um horizonte econômico e social. À medida que o século XVIII avança, ele vai ser tornando cada vez mais ineficaz, e acaba sendo colocado em questão. No final do século XVIII, os seus limites já são claramente diagnosticados: ele não é mais eficaz nas estruturas econômicas, porque não consegue resolver uma crise de desemprego e nem agir sobre os preços. Ele só diz respeito a uma

população indigente que é incapaz de lidar com as suas próprias necessidades. Vê-se aí se formar uma nova contestação da política tradicional da assistência e da repressão do desemprego.

Ocorre toda uma reabilitação moral dos pobres em um contexto no qual a indigência torna-se o elemento indispensável ao Estado. Assim, há uma reintegração econômica e moral desse personagem, já que na economia mercantilista ele não possuía lugar, pois não era produtor nem consumidor. O seu único destino só poderia ser o exílio da sociedade através do internamento. Mas com a indústria que acaba de nascer ele volta a fazer parte da nação. Por isso o internamento é criticado, exatamente porque ele produzia um grave erro econômico quando acreditava que se acabaria com a miséria, colocando a população pobre fora do circuito de produção e mantendo-a pela caridade. Essa medida, segundo os críticos do internamento, suprimia uma parte da população desse circuito, limitando a produção de riquezas.

Deve-se, ao contrário, recolocar toda essa população no circuito da produção e utilizá-la como mão-de-obra para que as nações alcancem o máximo de riquezas. Dentro dessa concepção, as formas clássicas da assistência são uma causa de empobrecimento e um obstáculo à riqueza produtiva. A assistência aos pobres, assim, deve assumir um novo sentido. Não se deve mais internar a população pobre, mas deixá-la na liberdade do espaço social, já que ela será absorvida pela produção por se uma mão-de-obra barata. A pobreza deve ser libertada do internamento e colocada à disposição da sociedade.

Só há um elemento negativo em todo esse processo: o pobre doente. Somente ele reclamará a assistência total. É nesse momento que todo o campo que anteriormente envolvia a loucura se fragmenta, desfazendo-se tanto do desatino quanto da miséria. A miséria liga-se aos problemas da economia, o desatino relaciona-se às figuras da imaginação e, assim, eles não estarão mais associados. No final do século XVIII, quem reaparece, portanto, é a loucura, completamente libertada das velhas formas de experiência nas quais ela era considerada, não por uma intervenção da filantropia ou por um reconhecimento científico que finalmente atingiu a sua verdade, mas por um isolamento da grande figura do desatino.

Se a prática do internamento é reduzida cada vez mais ao âmbito das faltas morais, dos conflitos familiares, da libertinagem, ela permanece ativa exclusivamente para os loucos. Nesse momento, a loucura assume a posse do internamento, ao mesmo tempo em que ele se desvencilha das suas outras formas de utilização. É nesse quadro que, ao final do século XVIII, aproximam-se duas figuras que tinham permanecido por muito tempo estranhas uma a outra: o pensamento médico e a prática do internamento. Essa aproximação não aconteceu devido a uma tomada de consciência de que os internos eram doentes, mas por um trabalho violento que se realizou através de um defrontamento entre o velho espaço de exclusão, homogêneo e uniforme e esse espaço social da assistência que o século XVIII fragmentou. Com a vitória desse último, a loucura ganha um estatuto público e o espaço do confinamento é criado para garantir a segurança da sociedade contra os seus perigos.

A natureza desse confinamento, no entanto, não estava determinada, pois, no final do século XVIII, dois projetos se defrontam: um que procurava reviver, agora sob novas formas, as velhas funções do internamento; e outro que procurava dar um estatuto hospitalar à loucura. Essa luta não representa a tradição contra o novo humanismo. Longe disso, e percebendo o procedimento histórico-genealógico utilizado por Foucault, um projeto sai vitorioso e cria um lugar específico e uma nova forma de se relacionar com a loucura, para uma sociedade “onde tudo o que há de estranho no homem seria sufocado e reduzido ao silêncio”.(Foucault, 1997: 428). Será no momento em que o internamento se transformar em medicação que o gesto negativo de exclusão adquirirá, ao mesmo tempo, o significado positivo da cura.

Essa transformação da casa de internamento em asilo não se deu pela introdução progressiva da medicina, mas através de uma reestruturação interna desse espaço antes caracterizado pela exclusão e pela correção. É somente porque o internamento assumiu um valor terapêutico através do reajustamento político, social e moral da relação entre loucura e desatino que a medicina poderá apossar-se do asilo e de todas as experiências da loucura. Nesse momento, explicita-se a proveniência da loucura produzida pela psicologia do século XIX: ela não surgiu da humanização da justiça e de suas práticas, mas de uma exigência moral e de uma estatização dos costumes. Essa psicologia, portanto, chamada de individual, provém de uma reorganização da consciência social.

Foucault finaliza o seu livro com uma observação extremamente importante, expressando a sua concepção de história. Se é muito comum pensarmos que ele descreveu, em seu livro, o louco, ao longo

dos 150 anos de sua história, Foucault afirma que, ao tentar fazer a história do louco, o que ele fez foi a história daquilo que tornou possível o próprio aparecimento de uma psicologia. (Foucault, 1997: 522).

Bem ao modo de uma história do pensamento e de uma filosofia da relação, ele não partiu de uma figura ou um objeto dado ou acabado e, a partir daí, fez a sua história, mas ele atentou para os mecanismos e as práticas que produziram o objeto, ou seja, o louco. Dito de outra forma, Foucault atentou para as condições de possibilidade para o aparecimento da psicologia, esse fato cultural que é próprio do mundo ocidental desde o século XIX, que produziu o louco do mundo moderno.

Com o seu nascimento, a psicologia produz uma nova relação que, a partir de então, passa a constituir o ser humano: o homem detém em seu interior a sua própria verdade. O louco também é detentor da sua verdade, mas essa verdade está oculta e, como ele não consegue alcançá-la, nem decifrá-la, então ele clama desesperadamente para que ela seja, enfim, revelada. Quem atenderá a esse chamado? Está construído o campo que possibilita à psicologia tratar o louco e interná-lo em seus confinamentos.

Bibliografia

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. 1997. São Paulo, Perspectiva.

_____. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: *Microfísica do Poder*. 1978. Rio de Janeiro, Graal

_____. *Arqueologia do Saber*. 1986. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Revista Áulas

ISSN 1981-1225

Dossiê Foucault

N. 3 – dezembro 2006/março 2007

Organização: Margareth Rago & Adilton Luís Martins

_____. Préface à l' Histoire de la Sexualité. In: *Dits et Écrits*.
1994. Paris, Gallimard.

Recebido em dezembro/2006.

Aprovado em fevereiro/2007.